

“

Depoimento/

Impressões de um designer brasileiro transitando entre franceses.

*Róber Botelho,
Professor da Escola de Design da UEMG*

Eu vejo a minha estada aqui na França de forma muito positiva, tanto pelo aspecto profissional quanto (e especialmente) pelo pessoal, se é que eu posso, ou mesmo, consigo separar esses dois contextos em minha vida. Além de estar em mais uma fase de um processo acadêmico e pessoal que se iniciou ainda na graduação, em 1998, o ano em que me iniciei à pesquisa científica, no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, esta fase é, também, uma oportunidade para rever e confrontar uma série de conceitos, e seus PRÉ-fixos, sobretudo a respeito da nossa cultura e da cultura de um continente industrial e economicamente desenvolvido. Isso tudo pode parecer demagogia para uns, mas, quando nos encontramos distantes dos nossos vícios diários, fica evidente uma série de pontos positivos e negativos, tanto do nosso país quanto daqui, do velho continente.

Entender o raciocínio daqueles que vivem num outro contexto cultural, diferente do meu, se expor e ser avaliado por eles, resulta num verdadeiro desafio e num verdadeiro aprendizado cujas dificuldades, muitas vezes, suplantam as que tenho no próprio doutorado que vim desenvolver.

Tendo essa primeira questão “martelando” à minha frente, posso concluir que a principal sensação de estar aqui na França é a de poder contribuir para integrar essas duas culturas, compartilhando e absorvendo os detalhes, de cada um desses dois mundos.

Ainda assim, seria muito positivo para a nossa cultura se os incentivos governamentais do meu país permitissem que mais pessoas pudessem vivenciar esse mesmo processo, não somente se deslocando para a França, Itália, EUA, etc., pois, muito possivelmente, melhorariamos a nossa latente incapacidade de perceber a qualidade nos detalhes das questões industriais, sociais e ambientais. Acredito que assim essa sensação de ser um brasileiro vivendo neste contexto, que o já desgastado jargão considera como “primeiro mundo”, pudesse ser menos exclusiva.

Acredito que a principal forma de integrar, não somente as culturas francesa e brasileira, mas integrar as diversas culturas (ou mesmo o cenário mundial), é procurarmos compreender os valores inerentes a cada uma delas, sobretudo os nossos próprios valores (emocionais ou técnicos, prioritários ou secundários etc.). Vejo que a

responsabilidade para tal compreensão é de cada profissional, muito além da simples tarefa de passar por um curso, pois, no campo do design, criamos, desenvolvemos, vendemos, compramos e trocamos valores. Assim, a integração cultural dependerá da capacidade dos seus respectivos indivíduos (particularmente dos designers) em decodificar valores mútuos. E os intercâmbios são primordiais para a sua efetivação.

É por este motivo que eu mencionei, acima, que o fato de estar vivendo em um outro contexto cultural (absorvendo e expressando valores, e sendo avaliado por essa mesma cultura) chega a ser mais importante que o próprio “estudo acadêmico” que estou desenvolvendo.

A “escolha” da França vem de um processo de longa data que, sem dúvida alguma foi influenciado e tem razões determinadas ainda durante a minha infância em Rubim, minha cidade natal, no vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, quando eu via o personagem Pepe Le Pew (da Warner Bros), sempre correndo atrás de sua “gata” a clamar, “chérie, chérie, chérie, ...”. Eu achava o sotaque sempre muito persuasivo e isso, além de outros fatores, acabou se transformando numa grande admiração pela língua e cultura francesa. Depois que entrei para o CPqD da Escola Design, em março de 1997, ainda como voluntário e sempre em contato com o Prof. Jairo José Drummond Câmara, que era o seu coordenador e que havia cursado seu doutorado na Escola de Minas de Paris, aquela admiração infantil se transformou em possibilidade e oportunidade. Durante todo esse percurso (como voluntário, aluno de iniciação científica, mestrando e Professor Pesquisador da Escola de Design), pude visitar a França em duas oportunidades através do Projeto Sabiá. Desde então, venho estruturando essa fase em que estou, mas, sempre pensando nas próximas etapas.

Além desses pontos pessoais, a minha vinda para a França esteve sempre associada a outros aspectos. A Universidade de Cergy-Pontoise – UCP (localizada nas cidades de Cergy e Pontoise), onde desenvolvo o doutorado, é conceituada internacionalmente pela qualidade do seu

ensino e potencialmente favorável à aplicação do conceito de interdisciplinaridade, um aspecto indissociável do design. Inaugurada em 1991, a UCP compreende uma saída ao significativo crescimento da população estudantil e, também, para o desafogamento das escolas clássicas situadas em Paris. Localizada a 35 minutos de metrô de Paris, a universidade acolhe mais de vinte mil estudantes e mais de oitocentos profissionais, propondo uma oferta pluridisciplinar que cobre os três ciclos de ensino na maioria das áreas de investigação científica. A universidade dispõe de cinco escolas: Direito; Economia e Gestão; Línguas; Letras e Ciências Humanas e Ciências e Técnicas. É uma universidade com forte apelo internacional, uma vez que está associada a mais de cem universidades estrangeiras.

O convênio para a troca de conhecimento e capacitação profissional estabelecido em 2005 entre a UEMG e a UCP foi também determinante para a minha vinda para cá, uma vez que tive a aprovação integral do meu plano de trabalho pelo diretor de tese Francês, Prof. René Lasserre. Através deste convênio, o doutorado que desenvolvo se faz pelo sistema de co-direção onde as duas instituições envolvidas participam em igualdade do processo de capacitação. Destaco que meu diretor de tese do Brasil é o Prof. Jairo José Drummond Câmara.

Para finalizar este depoimento, posso afirmar que não foi simplesmente uma escolha, mas o resultado de uma sequência de fases, de todo um processo de formação e que não pretendo chegar tão cedo a um “game over”.